

ESCREVIVÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE PRETA: PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE AS PAREDES BRANCAS E A ESTRUTURA EPISTÊMICA DAS UNIVERSIDADES OCIDENTALIZADAS

CRISTIANA VIGORITO AFONSO¹; MIRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – vigoritocris@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva problematizar a branquitude e a estrutura epistêmica moderno-colonial das universidades ocidentalizadas a partir de minhas vivências enquanto estudante preta no curso de graduação em Psicologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò. Emerge de meus anseios e questionamentos sobre a presença de meu corpo preto neste espaço majoritariamente branco. Importa dizer que o ambiente universitário e suas discussões teóricas, epistemológicas e metodológicas continuam predominantemente brancas, mesmo diante do advento da Lei nº 12.711/2012, que dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas (BRASIL, 2012).

Desde que ingressei no curso de Psicologia, inúmeras inquietações passaram e passam pelo meu corpo: o fato de me sentir deslocada na universidade; de ter dificuldade em produzir e compreender a escrita acadêmica pautada em uma ciência que não responde às experiências da população preta; de sentir insegurança em participar de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Por vezes, pensei que eu não era inteligente o suficiente para adentrar e permanecer na universidade. Foram vários os momentos em que pensei em desistir da graduação. O sentimento de insuficiência e não pertencimento a esse espaço já foi muito grande. ROSA e ALVES (2020, p. 7) salientam que a violência racista que constitui o espaço universitário faz com que pessoas pretas não se enxerguem nas aulas, nos corredores, além de serem violentadas “direta ou indiretamente pelos professores em sala de aula”.

Vivenciei a pressão de ter que ser dez vezes melhor que minhas colegas, para ser vista e considerada ao menos mediana. Sabia que ia ser muito mais difícil concluir o curso, quando comparada às minhas colegas brancas e com melhores condições financeiras. Sentia um incômodo muito grande em não enxergar pessoas pretas em sala de aula, no corpo docente, na grade curricular do curso de psicologia. Lembro de me questionar: Estamos no Brasil, por que não estudamos autores daqui? Se a psicologia é tão branca, o que estou fazendo aqui?

Após ingressar no Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò, estudar epistemologias e metodologias descoloniais e antirracistas, entrar em contato com autoras pretas e pretos, problematizar o racismo cotidiano e compreender as consequências e os impactos que isso produz na vida de pessoas pretas, passo a problematizar “estrutura epistêmica moderno-colonial” das “universidades ocidentalizadas”, conforme discute GROSFOGUEL (2016), mantida e perpetuada pelo “pacto da branquitude”, como assevera BENTO (2022).

2. METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se como uma “escrevivência” (EVARISTO, 2017), cujas discussões teóricas partem de minhas vivências, percursos e questionamentos experimentados no curso de graduação em Psicologia da UFPel, enquanto uma jovem mulher preta, periférica, filha de empregados domésticos, pioneira em ambos os lados da família a ingressar na universidade, e que se atreve a habitar esse espaço.

A escrevivência, conforme EVARISTO (2017), explicita através da escrita a dupla condição da mulher preta em uma sociedade marcada pelo racismo e sexismo; ela situa o local social habitado por mulheres pretas, buscando captar no dia-a-dia, as percepções, as experiências e os diálogos vividos. A partir da escrevivência aposto na desnaturalização da ideia de neutralidade científica, construindo um texto implicado política e afetivamente.

As discussões teórico-epistemológicas partem das leituras desenvolvidas no Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò, tendo como suplemento a produção intelectual de homens e mulheres pretas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As universidades brancas ocidentalizadas, assim como outras instituições e organizações, “constroem narrativas sobre si próprias sem considerar a pluralidade da população com a qual se relacionam, que utiliza seus serviços e que consome seus produtos” (BENTO, 2022). É comum, no espaço universitário, escutarmos que a instituição preza pela diversidade, incluindo em seus planos de gestão o enfrentamento ao racismo e sexismo. No entanto, essa narrativa não é sentida enquanto prática por nossos corpos pretos.

Assumir meu espaço como estudante de psicologia, pensadora, questionadora e produtora de conhecimento, tem sido um desafio, pois isso pressupõe reconstruir a minha própria humanidade. Afinal, “se a violência racista está estruturada socialmente na negação da humanidade de sujeitos negros, o seu enfrentamento necessita passar pela afirmação e visibilização dessa humanidade” (ROSA; ALVES, 2020, p. 8). Minha caminhada junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisa E'léékò tem me possibilitado essa experiência.

Por mais hostil que o ambiente universitário possa ser para nós, pretas e pretos, tenho aprendido que precisamos reafirmar nossa existência e a importância dela na universidade; e afirmar nosso ativismo, nossa militância no enfrentamento ao racismo. EVARISTO (2010, p. 254) salienta que “mesmo quando as pessoas advogam que a academia não é um lugar de militância, ela é um lugar de militância”. A autora é precisa em afirmar que: “O intelectual está ali, os professores estão ali militando de alguma forma. Ou a favor do status quo ou contra, ou [ainda] por omissão. A academia não é um lugar neutro” (EVARISTO, 2010, p. 254).

Por muito tempo vivenciei um sentimento de não pertencimento à universidade. A educação bancária (FREIRE, 1996, p. 58) e os autores homens, brancos, europeus e héteros, provocam um mal-estar em meu corpo, um esvaziamento de sentido, um silenciamento. Diante desses sentimentos, sensações e percepções, me vi provocada a transformar tudo isso em escrita, em vivência-escrita, em escrevivência a fim de suturar as feridas abertas pelo racismo e sexismo em uma universidade ocidentalizada. GROSGUÉL (2016, p. 25), salienta que o “racismo/sexismo epistêmico é um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo”; que o “privilegio epistêmico dos homens ocidentais”,

sobre outros corpos e conhecimentos “tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo”; que a “inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta [...] tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais”; e conclui dizendo que:

Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais tem gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo.

Minhas inquietações a respeito do aprender no contexto da universidade branca, racista, colonial, patriarcal, relacionam-se ao sentimento de estar desconectada com professora/es, colegas e conhecimentos produzidos e perpetuados nesse espaço. O esvaziamento de sentido diante do conhecimento estudado é, muitas vezes, uma constante. É como se a branquitude estivesse a todo momento dizendo que não posso, não devo, não é meu lugar. No entanto, tenho aprendido com BELL HOOKS (2013), que é importante escavar espaços acadêmicos onde não tenhamos medo de transgredir as fronteiras do processo de aprendizagem, que não precisemos resistir ao novo e que cujos atores que os constituem estejam abertos a desconstruir ideias e comportamentos aos quais já estamos acostumados: a passividade em sala de aula, esperar que a professora ou professor seja o mestre de cerimônias em todos os processos que implicam o aprender. O Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò tem sido este espaço para muitos estudantes pretos e pretas da UFPel.

A partir do E'léékò tenho apostado em um processo de ensino e aprendizagem na universidade com estreita relação com a possibilidade de transgressão, como me ensina BELL HOOKS (2013). Falo da possibilidade de transgredir o *status quo* e provocar docentes e colegas a olharem para sua branquitude na perspectiva de construção de uma psicologia antirracista e descolonial. Afinal, é possível um processo de ensino e aprendizagem sem reforçar os sistemas de dominação (HOOKS, 2013), como o racismo e o sexismo; ao mesmo tempo que é urgente propor novas formas de ensino considerando a presença da diversidade do corpo discente.

O Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò foi e está sendo de extrema importância em minha formação acadêmica e pessoal. As discussões, debates, seminários, eventos e obras produzidas, partem de epistemologias e metodologias contra-hegemônicas; e com elas tenho aprendido que permanecer na universidade é uma das grandes transgressões que posso imprimir no racismo e sexismo que a estruturam. Como refere ROSA e ALVES (2020, p. 9), falo da potência de um processo de transformação construído “no ato de permanecer e de romper com o silenciamento de nossos corpos e de nossas vozes que, por sua vez, transformam a própria universidade na medida em que passam a questionar a universalidade de saberes e práticas hegemônicos”.

4. CONCLUSÕES

Diante das dificuldades enfrentadas e dos afetos produzidos como medo, insegurança e baixa autoestima acadêmica, transgriro ao racismo/sexismo epistêmico através da escrita de minhas vivências, através de minha escrevivência. Neste percurso tive a possibilidade de problematizar e refletir teoricamente sobre

essa experiência que é singular, que é minha, mas que também é coletiva. É de muitos estudantes pretos e pretas.

Enquanto bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò, tomo como um compromisso ético-político o compartilhamento das experiências e conhecimentos vivenciados com outras colegas pretas e pretos do curso de Psicologia. A caminhada até aqui me fez compreender que colocar a branquitude em questão, constitui-se como um movimento fundamental para a construção de uma experiência mais justa no espaço acadêmico. Ou seja, colocar a branquitude em questão possibilita a nós, pretas e pretos, identificar o que não é nosso e que foi imposto pelo racismo/sexismo epistêmico. E, eu desejo que minha coletividade preta também tenha a oportunidade de vivenciar esse processo transgressor e libertador.

Necessitamos que espaços de acolhimento, onde possamos ser protagonistas de nossa história, de nossas trajetórias enquanto discentes pretas, pretos, pretes, quilombolas, indígenas, LGBTQIA+. Afinal, é preciso que a universidade seja de todes e para todes. Há a necessidade de diversificar discursos, trazer novos posicionamentos e saberes diferenciados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL, 2012. **LEI Nº 12.711**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 16 agos. 2022.

_____. Conceição Evaristo: '**minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra**'. In: Nexo Jornal. São Paulo, 26 mai. 2017. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em 16 agos. 2022.

FREIRE, P. A concepção «bancária» da educação como instrumento da opressão. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996. Cap 2, p.57-76.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado** [online]. v. 31, n. 1, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MACHADO, B. "Escrivência": a trajetória de Conceição Evaristo. *História Oral*, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

ROSA, E. Alves, M. Estilhaçando a Máscara do Silenciamento: Movimentos de (Re)Existência de Estudantes Negros/Negras. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 40 (n.spe), p. 1-14, 2020.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.